

Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America

ISSN: 2572-3626 (online)

Volume 16

Issue 1 *Indigenous Peoples in Isolation: Terminology, Territory and Processes of Contact*

Article 10

12-15-2018

Terras compartilhadas por povos indígenas isolados e contatados: o Alto Rio Envira como estudo de caso

José Carlos Meirelles

Fundação Nacional do Índio (Funai), aposentado

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti>



Part of the Archaeological Anthropology Commons, Civic and Community Engagement Commons, Family, Life Course, and Society Commons, Folklore Commons, Gender and Sexuality Commons, Human Geography Commons, Inequality and Stratification Commons, Latin American Studies Commons, Linguistic Anthropology Commons, Nature and Society Relations Commons, Public Policy Commons, Social and Cultural Anthropology Commons, and the Work, Economy and Organizations Commons

Recommended Citation

Meirelles, José Carlos (2018). "Terras compartilhadas por povos indígenas isolados e contatados: o Alto Rio Envira como estudo de caso," *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: Vol. 16: Iss. 1, Article 10, 120-124.

Available at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol16/iss1/10>

This Article is brought to you for free and open access by Digital Commons @ Trinity. It has been accepted for inclusion in Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America by an authorized editor of Digital Commons @ Trinity. For more information, please contact jcostanz@trinity.edu.

Terras compartilhadas por povos indígenas isolados e contatados: o Alto Rio Envira como estudo de caso

José Carlos Meirelles

Fundação Nacional do Índio (Funai), aposentado

BRASIL

Introdução

A região do alto rio Envira situa-se entre o estado do Acre, em território brasileiro, e o Peru, onde as nascentes. No Acre, a calha do rio Envira, na região fronteira com o Peru, é um território contínuo de Terras Indígenas (TI) demarcadas: TI Alto Tarauacá, TI Kampa e Isolados do rio Envira, TI Riozinho do Alto Envira, TI Kulina do rio Envira, TI Kaxinawá do rio Humaitá, TI Kaxinawá do rio Jordão e TI Kaxinawá do Independência. Esta região abriga três povos indígenas isolados e um povo recém-contatado: os Tsapanawa (ou “Isolados do Igarapé Xinane”, como a Funai os chama), e os contatados Ashaninka, Madijá e Kaxinawá. Do lado peruano, encontram-se as seguintes unidades de conservação: Reserva Murunaua e o Parque Nacional do Alto Purus. Parte da porção brasileira dessas terras é ocupada por três povos isolados: os isolados chamados “do Humaitá,” os “das cabeceiras do igarapé Riozinho” e os Mashco. Os dois primeiros são povos agricultores, com grandes roçados e que têm suas malocas numa mesma região, pelo menos desde 1988, quando a Frente de Proteção Etnoambiental Envira passou a monitorá-los. Os Mashco transitam sazonalmente nestas terras e, pelo que se sabe, mais amiúde de 2006 até hoje.

Pretendemos abordar neste contexto relações que estes povos indígenas isolados mantêm entre si e com os contatados, salientando a importância do monitoramento destes povos na perspectiva de sua proteção. Almejamos ainda, em especial, destacar a relevância da vigilância e fiscalização de seus territórios.

As relações entre povos indígenas isolados nas áreas protegidas

Os Tsapanawa, contatados em 2014, pertencentes ao grupo Pano, falantes de uma língua quase idêntica a dos Jaminawa, compartilharam informações importantes de suas relações com os outros povos isolados da região. Indicaram que são inimigos tradicionais e culturais dos Mashco. Ano passado, tiveram um encontro com os Mashco e, ao que apontam os relatos, devem ter matado algum deles, pois trouxeram para Frente Envira materiais dos Mashco. Pouco tempo depois, em sua aldeia tradicional, foram atacados pelos Mashco, o que resultou na morte de um indígena Tsapanawa de nome Kúiu.

São também inimigos dos isolados do Humaitá. Conhecem os isolados do Riozinho que, segundo eles, são seus parentes. Mas, por divergências internas, não se relacionam com os isolados do Riozinho, embora não os considerem inimigos. Ainda, compartilharam informações de outros parentes isolados na reserva Murunaua; aparentemente, trata-se das malocas já conhecidas dos povos indígenas isolados existentes na Reserva, denominadas pelos Tsapanawa da seguinte forma: Diadawa, Nixinaua, Xapudawa e Txaxopindawa. Essas informações foram compartilhadas nos primeiros encontros e transmitidas pelos primeiros intérpretes Jaminawa que estiveram com os Tsapanawa: José Correia e seu genro Almiro.

Já em relação aos indígenas isolados que vivem no Humaitá, provavelmente da etnia Pano, é provável que sejam inimigos dos Mashco, pelas informações que se dispõe até o momento.

Temos, então, uma situação de conflito estabelecida entre estes povos e, ao que parece, é razoável supor que seus territórios de uso sejam bem definidos politicamente; ultrapassar a “fronteira” de outro grupo pode levar a conflitos. Isso posto, seus territórios livres não podem ser considerados sem levar em consideração todo o grande “corredor” formado por terras indígenas e unidades de conservação que existe na fronteira Brasil-Peru. Os Mashco deslocam-

se sazonalmente entre as fronteiras destes povos e os encontros são inevitáveis, vide os diversos relatos de conflitos entre os Txapanawa e os Mashco.

Atualmente, os Txapanawa vivem próximos à base de proteção Funai no rio Envira. Antes do contato com os Txapanawa, eram os isolados do rio Humaitá que frequentavam as cercanias da base de proteção. Ao que tudo indica, não frequentam mais, pois sabem que ali estão os Txapanawa e, como diz um dito popular, “quem é amigo dos meus inimigos, é meu inimigo.”

Essa mensagem também vale para os Mashco que transitam pelo rio Envira, muito próximos à Base do Xinane. Eles também sabem que os não-indígenas dali são “amigos” dos Txapanawa. Tanto é assim que o povo isolado do rio Humaitá, que frequentava amiúde as cercanias da base de proteção, deslocou sua área de saque e trânsito para as aldeias Kaxinawá do rio Humaitá, para as comunidades não-indígenas do Novo Porto—localizada nas cabeceiras do rio Muru—e para os não-indígenas que vivem nas cabeceiras do rio Imboiaçú.

O discurso de proteção dos agentes da Funai—de que a proteção deve se estender para os outros povos isolados – não encontra eco no diálogo com os Txapanawa. Afinal, não os interessa proteger seus inimigos. Demorará ainda um longo tempo para que esse diálogo seja entendido e reconhecido. No atual momento, as bases de proteção da Funai para os povos isolados do rio Humaitá, assim como para os povos indígenas isolados que vivem nas cabeceiras do Riozinho, deverão se fixar em outros rios, com funcionários distintos daqueles que atuam na base do rio Envira.

As relações entre indígenas em isolamento com indígenas contatados

Desde que a empresa caucheira, pelo lado peruano, e a seringalista, pelo lado brasileiro, que chegaram na região na última década do século XIX e início do século XX, os povos isolados descobriram os instrumentos de ferro—machados, facões, enxadas, facas—e outras tecnologias. Conseguiram esses instrumentos por meio de saques, tanto de locais como de indígenas contatados. Tais atos eram sempre motivo para expedições punitivas, genocídios, das chamadas “correrias” e a conseqüente morte dos isolados como forma de castigo e, principalmente, de desocupação territorial para exploração da borracha. Vários povos foram extintos nesse período, outros tantos contatados e outros poucos se esconderam nas cabeceiras dos rios onde não havia atividade seringueira.

Com a falência da exploração da borracha natural e do caucho, e a definição das terras indígenas nestas fronteiras, os vizinhos dos isolados agora são índios contatados Madijá, Ashaninka e Kaxinawá. Antes disso, os índios contatados trabalhavam nos seringais e, eventualmente, eram utilizados como participantes das correrias aos isolados. Antigos Kaxinawá, Madijá e Ashaninka, que conhecemos ao longo de nossa trajetória de trabalho na região nos últimos 40 anos, nos relataram ter participado de correrias. Hoje, a vizinhança onde os saques são realizados são justamente as aldeias dos Ashaninka, Madijá e Kaxinawá.

A proteção dos territórios dos isolados pela Frente Envira, no território brasileiro, proporcionou seu aumento populacional e, por conseguinte, a pressão dos saques ao entorno também aumentou, gerando uma situação de tensão latente. Durante vários encontros que realizamos, não foi nada fácil convencer os índios contatados a não revidar os saques ou tentarem reaver seus objetos saqueados.

Nesse sentido, desde 2008, foram desenvolvidas um conjunto de oficinas com os Kaxinawá, Madijá e Ashaninka com o objetivo de tentar aliviar o clima de tensão entre eles e, ao mesmo tempo, mapear todos os eventos e informações envolvendo isolados. As oficinas geraram quase trezentas informações processadas em tabela e geoprocessadas. As informações sistematizadas revelam os diversos eventos ocorridos, tais como saques, avistamentos, vestígios, ataques e mortes, especificando data e local de ocorrência.

Apesar do esforço na produção de informações por parte dessas oficinas, é muito difícil convencer uma família indígena que perdeu todos seus pertences a não reagir. Recompensar, por parte do Estado, os objetos saqueados, é a única forma de minimizar a tensão, embora a devolução não seja automática e muito menos num tempo curto como deveria ocorrer. Neste intervalo, quem foi saqueado só pode contar com a boa vontade da comunidade.

É ainda latente nas aldeias dos povos contatados uma relação de admiração e temor em relação aos isolados. Mudar atitudes e relações tensas demanda tempo, muita conversa e uma alternativa prática (compensatória) à questão dos saques. Certa vez, um velho Kaxinawá nos

disse: “Vocês vêm à minha casa para falar dos ‘brabos’, para proteger. E a mim, quem protege?”.

As relações entre indígenas em isolamento e comunidades não-indígenas

No Acre, existem várias comunidades tradicionais assentadas no entorno do território ocupados pelos povos indígenas isolados. Abaixo uma breve descrição de cada caso:

Novo Porto: localizada nas cabeceiras do rio Muru, com uma população de aproximadamente 300 pessoas. Dista trinta e cinco quilômetros das aldeias dos isolados do Humaitá e quarenta quilômetros da cidade de Jordão.

Foz do D’ouro: nas cabeceiras do rio Tarauacá com aproximadamente cem pessoas, dois quilômetros abaixo da Base do D’ouro da Frente Envira.

Moradores das cabeceiras do rio Imboiaçu: Nas cabeceiras do rio Imboiaçu, com cerca de oitenta pessoas.

Colocação Liberdade e Samaúma: Nas cabeceiras do rio Envira, com aproximadamente quarenta pessoas.

Todas estas comunidades já foram saqueadas, em algum momento nos últimos anos, por algum grupo de indígenas em isolamento. Apesar de insistentes solicitações para a Funai indenizar as famílias saqueadas, isso nunca ocorreu. Foram feitas apenas algumas indenizações para os Kaxinawá do rio Humaitá.

É difícil imaginar um grupo de indígenas isolados, com uma população de mais de trezentas pessoas, e que vive há apenas trinta quilômetros de distância de uma comunidade indígena contatada ou não-indígena com o mesmo número de pessoas. Há, assim, uma necessidade urgente de criação de novas bases da Frente Envira nos rios Muru e Santa Rosa, sob pena de ocorrerem, como no passado, massacre de isolados por correrias, expedições de vinganças e represálias. Estas comunidades não-indígenas ou indígenas contatados estão usando e compartilhando o mesmo território de caça dos isolados sem qualquer tipo de monitoramento e com muito pouca, ou mesmo nenhuma, vigilância. Se um conflito ocorrer, ninguém ficará sabendo a tempo de evitar um desastre.

Os saques de materiais

A procura de novas tecnologias pelos povos isolados se inicia pela busca de instrumentos que já utilizavam: machados de pedra, facões de madeira e panelas de barro. Só foram substituídos pelo machado de ferro, pelo facão e pela panela de metal (inicialmente de ferro e depois de alumínio). Agem quando encontram uma casa com os moradores ausentes. A técnica do saque é sempre de levar o máximo de objetos possíveis, pois não há tempo para triagem no local. Geralmente, é após três ou quatro horas de caminhada que os povos isolados fazem a triagem do que lhes interessa ou não. Nos descartes encontrados, em expedições da Funai, havia cadernos de notas de seringueiros, munição para armas de fogo, e até uma antiga máquina de escrever que foi saqueada de um barracão de seringal.

Com o tempo, outros objetos foram incorporados aos saques: redes, roupas, cordas, tesouras, espelhos, lonas plásticas e isqueiros. Esses materiais saqueados, desde muito tempo, se incorporaram à cultura material destes povos. Além do perigo inerente ao saque em si, outro fator que deve ser levado em conta é a possível transmissão de doenças, principalmente pelas roupas. A única forma de minimizar esse risco é ter controle da saúde e uma cobertura vacinal consistente em toda a região do entorno dos povos isolados.

A importância da vigilância dos territórios

No caso específico da região em discussão neste artigo, sabemos exatamente a localização das malocas dos isolados e dos recém-contatados das cabeceiras do rio Envira. As terras estão

demarcadas, o que não deixa de ser um avanço considerável. O caso dos Mashco, por se tratar de um povo caçador e coletor, será tratado a seguir. Por se fixarem nos locais, povos agricultores facilitam o monitoramento e a vigilância.

Portanto, com um território mais fixo, é mais fácil manter um monitoramento razoável desses territórios, desde que se tenham recursos, pessoal especializado e bases localizadas em lugares estratégicos. A presença constante de agentes da Funai e de saúde nessas bases, bem como em expedições nos limites dos territórios, por si só inibem invasões de qualquer pretexto. Se, concomitantemente, houver uma política de ressarcimento dos saques, e a continuidade das oficinas de sensibilização junto às comunidades do entorno, os isolados continuarão a existir.

O caso dos Mashco

Em território Brasileiro, os Mashco utilizam as cabeceiras dos rios Acre, Iaco, Chandless e Envira. Não sabemos se por um único grupo ou por vários grupos diferentes. Felizmente, toda essa região é composta e protegida por um mosaico de terras indígenas, excetuando as cabeceiras do rio Chandless, que incide o Parque Estadual Chandless—e é uma unidade de conservação—e das cabeceiras do rio Acre—que é uma Reserva Ecológica—também protegidas e de acesso ainda mais restrito.

Pelo que sabemos, nunca houve um relato de saque feito pelos Mashco em território brasileiro. Em 1994, um grupo Mashco esteve na Base do Xinane. Os ocupantes da base se retiraram, e os Mashco permaneceram nas instalações da base por ao menos dois dias. Retiraram todos os pertences e os jogaram no terreiro. Não levaram nada, a não ser alguns cachos de banana e cordas. Mataram os cachorros novos que não conseguiram fugir, algumas galinhas, que retiraram as penas do rabo e das asas—provavelmente para empenar flechas—e se foram em seguida.

Seguindo a trilha dessa expedição, encontramos trinta e dois tapiris acima da base aonde acamparam por cerca de uma semana mais ou menos. As palhas ainda estavam verdes. Encontramos, ainda, uma grande quantidade de ossadas de animais: doze cabeças de anta, quinze cabeças de caititu, nove cabeças de veado e sessenta e dois cascos de jaboti; não contamos as inúmeras cabeças de macaco e ossos de caça miúda.

Parece-nos que os Mashco pouco necessitam de nossa tecnologia, pelo menos até agora. Estamos falando do conhecimento que dispomos da parte do território brasileiro. Sabemos que, no Peru, os Mashco utilizam as cabeceiras dos rios Juruá, Purus, Tahuamanu, Piedras, Los Amigos e o Parque Nacional do Manu. Nessa imensa região, transitam entre madeireiros ilegais, garimpeiros ilegais, produtores de cocaína, traficantes de cocaína, estradas ilegais, povos indígenas contatados e sabe-se lá mais o que. Só conseguem a façanha de manterem-se isolados e vivos por serem hábeis caçadores e coletores.

Alguns poucos Mashco iniciaram um processo de contato no rio Madre de Dios e no rio de Las Piedras. As perguntas sobre os Mashco também são muitas: quantos grupos são? Eles mantêm contato entre si? Quantos já foram mortos em encontros com todos os não-indígenas citados acima? Será que o grupo do rio Madre de Dios, em contato inicial, se tornará agricultor? Como fazer a vigilância territorial dessa imensa região de fronteira internacional, que é a área que utilizam? São perguntas que ainda estão longe de serem respondidas. E, mais longe ainda, está a segurança territorial, apesar de que 90% das terras em questão serem áreas protegidas.

Considerações finais

A Funai no Brasil passa por um momento delicado. As pressões das bancadas políticas contrárias aos direitos indígenas são muito significativas, sendo essas bancadas majoritárias no Congresso Nacional. A Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato, responsável pela proteção dos povos isolados e de recente contato, tem perdido sistematicamente a qualidade de seus serviços prestados por falta de recursos financeiros e por uma gestão pouco compromissada com a proteção desses povos. A garantia de direitos, para que os povos indígenas possam decidir pelo isolamento, passa necessariamente pela proteção de seus territórios, mantendo-os livres e desimpedidos de invasores e de ameaças, bem como pela garantia, por

parte do Estado, de um sistema de proteção eficiente de monitoramento e de vigilância territorial e epidemiológica.

Alguns povos isolados deverão forçadamente fazer contato nos próximos anos. Outros que eram agricultores, perseguidos por invasores, iniciam um processo de fuga sistemática. Por serem impedidos de cuidar da sua roça, que necessita de tratos constantes, acabam por perdê-la. O que tem ocorrido, então, é que se transmutam de agricultores para caçadores e coletores. Até se adaptarem à nova maneira de viver, sua população tende a diminuir ao ponto da reprodução física se tornar impossível. Os mais tradicionais, que se recusarem ao contato, possivelmente terão seus territórios de caça e de pesca diminuídos, contrairão doenças infectocontagiosas—pela proximidade da expansão de nossas fronteiras coloniais—e, com o tempo, poderão ser literalmente extintos.